

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Etelvina Gonçalves Eduardo

registada em 2009-02-09
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Etelvina Gonçalves Eduardo

Etelvina Gonçalves Eduardo nasceu a 5 de Outubro de 1935 em Almada. O pai chamava-se Albano Eduardo e a mãe chamava-se Maria José. Tiveram sete filhos: seis raparigas e um rapaz. O pai trabalhava com carroças, enquanto a mãe “lavava a roupa dos filhos todos”. Etelvina foi criada entre Almada e a Mourísia. Recorda o trabalho do campo, na casa e na floresta e as brincadeiras com rapazes e raparigas, o jogo do lenço, do raminho e do anelzinho. A mãe ainda a meteu na escola, mas depois tirou-a, com 7 anos, para ir guardar duas meninas. Não teve tempo de aprender a escrever o nome, só aprendeu mais tarde, depois dos 40 anos. Regressou a Lisboa, até aos 14, 15 anos, para o pé da irmã mais velha, que considera uma mãe. Enquanto a irmã vendia na praça, Etelvina ia levar o comer ao pai. Quando voltou para a Mourísia, trabalhou na floresta. O marido já o conhecia da terra, entretanto apaixonaram-se. Etelvina diz terem “nascido um para o outro”. Das danças nos bailes surgiu o namoro, de dois ou três meses, e o casamento, no dia 2 de Maio, tinha então 24 anos. Viveu em Lisboa, trabalhou em “casa de senhoras a lavar roupa ao tanque, esfregar-lhes a casa de rabo para o ar com palha-de-aço, dar cera e limpar o pó”, na Escola Técnica, e no Alfeite. Depois de 29 anos, voltou para a Mourísia, onde se sente bem.

Índice

Identificação Etelvina Gonçalves Eduardo.....	4
Ascendência Albano Eduardo e Maria José.....	4
Infância No campo e na cidade.....	5
Educação "Andei lá pouco tempo".....	10
Casa "Tínhamos que dormir três a três".....	10
Namoro "Tínhamos nascido um para o outro".....	11
Casamento "Casei com 24 anos".....	12
Migração "Não havia cá donde ganhasse".....	14
Percurso profissional "Andei sempre nas limpezas".....	15
História 25 de Abril e 11 de Março.....	17
Lugar Mourísia significa liberdade.....	18
Pessoas Monsenhor António Pereira de Almeida	22
Costumes	22
Avaliação "A gente gosta de contar".....	26

Identificação *Etelvina Gonçalves Eduardo*



Etelvina (Almada, 1969)

O meu nome é Etelvina Gonçalves Eduardo. Nasci a 5 de Outubro de 1935 em Almada, distrito de Setúbal, mas não gosto da minha terra. Sou natural de Almada, mas só vou lá dois, três dias. Sinto-me bem é cá.

Ascendência Albano Eduardo e Maria José

O meu pai chamava-se Albano Eduardo. Era natural daqui. A minha mãe chamava-se Maria José e era do Vale d'Égua, mas veio para cá. Casou novinha, com 18 anos. O meu pai já era mais velhote. Conheceram-se numa festa. O meu pai ia daqui ao Vale de Maceira, onde havia uma festa todos os anos. A minha

mãe foi a primeira vez que lá veio à festa. Elas eram muitas irmãs e depois era assim: conforme iam crescendo, iam namorando, casavam-se, saíam e ficava a mais nova a guardar a cabrada. O meu avô, da parte da minha mãe, tinha uma cabrada grande. Era do que eles viviam. Então, calhou à minha mãe vir à festa ao Vale de Maceira e o meu pai conheceu-a aí. Daí, namoraram pouco tempinho.



Albano Eduardo e Maria José, pais de Etelvina

Nós éramos sete irmãos: seis raparigas e um rapaz. Eu sou a mais nova. Morreram três, já só temos outros três: duas raparigas e um rapaz. Já tudo se vai...

O meu pai foi trabalhar para Almada e levou as minhas irmãs. O meu irmão também começou lá a trabalhar, depois foi para a tropa para a ilha da Madeira e casou. A minha mãe esteve lá três anos, também. Lavava a roupa dos filhos todos e chegava bem. Não fazia mais nada. Era só em casa e ir às compras. O trabalho do meu pai e das minhas irmãs também chegava. Naquele tempo, tinha que chegar.

O meu pai trabalhava com carroças. Antigamente não havia camionetes. Ia levar a Lisboa o trigo que traziam lá de fora no tempo da guerra. Havia também os fornos da cal, que antigamente não havia nada de tintas. Era cal em pedra que eles faziam e depois iam distribuir por aquelas drogarias, por um lado e por o outro. Ainda foi para a Guerra da Espanha. Quando foi a guerra, ele foi lá andar a trabalhar também, mas andou lá pouco tempo.

Infância *No campo e na cidade*

Estivéramos em Almada três anos. No fim de três anos, a minha mãe veio para cá outra vez. Fui aqui criada, mas por pouco tempo. O meu pai continuou em Almada mais ou menos por quatro anos. Foi um tempo muito difícil.

"Nunca partíramos uma sardinha ao meio"

Tinham que se vender os ovos das galinhas para a sardinha. Antigamente, comia-se assim, mas nunca partíramos uma sardinha ao meio. A minha mãe gostava muito de comprar aquela petinguinha. Era boa. Ela fazia muito. Era uma beleza como ela fazia. Batia dois ou três ovos numa tigela, punha-lhe um bocadinho de farinha, picava um bocadinho de alho, um bocadinho de salsa e depois passava a sardinha. Punha ali duas a duas. Tirava dali, punha a fritar. Bem bom!



Etelvina e o borrego Sassá (Mourísia, 1987)

O que é, a minha irmã mais velha mandava muitas coisas à minha mãe. Já estava casada com um senhor da Carapinha. Todos os meses mandava uma - chamavam - tarifa. Havia aqueles canastrões e ela mandava mercearia, mandava pão, mandava bacalhau, mandava tudo para se comer depois. Estivéramos cá eu mais a minha mãe e as minhas irmãs. Depois, foram-se casando. Duas casaram na Moura, outra casou com um senhor do Barrigueiro, outra com um de cá e foi tudo assim.

Nós tratávamos da fazenda. Cultivávamos milho, feijão, batatas, couves... Mas não vendíamos, era só para casa. Tínhamos animais. Sempre tivéramos. No tempo da minha mãe, era cabras e ovelhas. Trabalhávamos na casa e na floresta. Mas na floresta, não era sempre. Era, às vezes, 15 dias, depois estava parada outros 15 dias e trabalhava-se na fazenda. Às vezes, ia ajudar os outros para ganhar 5 escudos e de comer, quase de sol a sol. Não era complicado. Eu gosto de trabalhar na fazenda. Gosto mesmo. Depois, o que a gente tratava ia para os caseiros, "ricalhões" que havia aí, para eles venderem. Aquilo era medido ao alqueire e era tudo a meio. O que sobrava era dividido ao punhado.



Uma sátira à Reforma Agrária no Carnaval (Mourísia, 1975)

Quando andava na fazenda, tínhamos enxadas, ancinhos e sachos para sachar o milho. Era só. Para servir de adubo era só o esterco. Não se usava químico. Agora é que já pomos, mas, antigamente, era só o esterco. De pesticida, não se punha nada. Mas tínhamos pragas. Quando o escaravelho começou de

aparecer, eram catados. Agora é que se põe produto para matar o escaravelho, para matar o piolho, essas coisas todas. Para o piolho, arranjavamos borrvalho e púnhamos nos feijoeiros, quando eles começavam de aparecer. Era assim. Não havia cá produtos. E resultava. Mas não havia tanta praga como há agora. Agora é que há uma bicheza.

Também brincávamos. Éramos muitos unidos naquele tempo, rapazes e raparigas. Quando era no tempo da Quaresma, cá não se dançava, era proibido. Acabando o Entrudo, o Carnaval, até à Páscoa não havia mais nada e a gente ajuntávamo-nos todos aí num - chama a gente - solheiro, onde secavam o milho. Jogávamos ao lenço, jogávamos ao raminho, ao anelzinho. Era tudo assim.



Encarnação Castanheira, tia de Etelvina a espalhar o milho

Anelzinho, lenço e raminho

O anelzinho era: eu tirava o anel do dedo e metia-o na mão. Todos, os rapazes e as raparigas, punham-se também com as mãos fechadas. Depois, a gente passava pelo meio das mãos dos outros e quando calculasse, largava o anel. Ficava lá. Daí por um bocadinho, o outro tinha que fazer o mesmo.

O lenço era assim: estávamos todos numa roda. Íamos com o lenço, chegávamos a um certo sítio, largávamo-lo e os outros tinham que olhar para trás sempre que a gente passava, para ver se estava lá o lenço se não. Se estava o lenço, toca! E ali tinha que dar a volta.

O raminho era: arranjávamos um raminho duma flor qualquer. Depois, jogávamos ao raminho. Raminho vai, raminho fica e andávamos assim. Depois, qual deles era o mais bonito. Era tudo assim.

Nós íamos aí para umas festas e os rapazes defendiam-nos sempre. Olá! Houvesse lá algum que se metesse com a gente. Levavam que contar.

Depois, era assim: se os rapazes chegassem todos para as raparigas, a gente dançava só com eles. Mas se as raparigas fossem mais que os rapazes e os rapazes não chegavam para todas, dançavam à vez.

A minha mãe ainda me meteu na escola, mas depois tirou-me para ir guardar duas meninas numa terra chamada Monte Redondo. É aqui perto, ao pé de Arganil e de Folques. Tinha 9 anitos, mais ou menos. As minhas irmãs andavam todas a servir, também. Foi um senhor que morava aqui na Relva Velha e que casou lá que me veio cá buscar. A senhora dele teve duas meninas e eu fui para lá. Era gente que podia. Tinha duas criadas. Estava lá eu a guardar as meninas e estava lá outra criada para fazer o resto. Aquilo era fácil, era só embanar os berços. Eram bebezinhos. Nessa altura, não se usavam fraldas. Isso é agora. Eram panos, trapos. Rasgavam-nos e punham. Coitadinhos, andavam sempre assados. A gente tinha que lavar sempre o rabinho. A vida, antigamente, não é como agora. Estive lá pouco tempo, um ano e tal até as miúdas cresceram.

Depois, voltei para Lisboa para o pé da minha irmã mais velha. Eu, praticamente, tive duas mães: a minha mãe e a minha irmã mais velha que me criou. Ela vendia na praça. Tinha que fazer o comer para o meu pai. Ainda era um bocado longe, mas eu, pequenita, é que lá ia levar-lhe o comer.

Era diferente ser lá criança. A gente ia brincar lá para aquelas quintas. Antigamente, Almada era quintas. Nós íamos à chicha. Eu e os rapazes. Eu ainda era pior que os rapazes. Eu, a minha irmã chegada a mim e uma outra rapariga, também. Íamos àquelas figueiras, que davam aqueles figos muito grandes. Naquelas azinhagas, aquilo era figueiras dum lado, era figueiras do outro, era damasqueiros... Os donos tinham lá aquilo para irem vender para a praça e a gente íamos lá. Dizíamos nós que íamos à chicha rapinar os figos para comermos. O homem, quando dava lá conta da gente, era à pedrada. Nessa altura, gostava mais de estar lá, porque vivia lá com aquelas vizinhas e vizinhos.

A relação com os meus pais era boa. O meu pai tinha uma coisa: quando nos estava a mandar, a gente tínhamos que ir logo de caminho. Senão, com o que ele tivesse à mão é que andava. Só convivíamos em casa, porque, antigamente, não havia onde ir. A taberna era só para os homens, não era para as mulheres. Lá em Lisboa, era a mesma coisa. Era só em casa e no quintal.

"Era muito amigo dos pobres"

Havia lá um padre que gostava muito dos pobres. Era africano. Quando era pelo Natal, ele vestia a gente, ele calçava, íamos lá todos os dias comer... Ele era muito amigo dos pobres. Tinha sido médico, mas não conseguiu salvar a mulher. Como não consegui, foi para padre. Fez muita falta em Almada.

Estive lá até aos 14, 15 anos e depois voltei para cá. Andei a trabalhar aí na floresta. A minha vida faz um romance grande!

Educação "*Andei lá pouco tempo*"

Tinha 7 anos quando fui para a escola, mas andei lá pouco tempo, porque a minha mãe tirou-me de lá. Se calhar, não cheguei lá a andar um ano. Nem o meu nome lá aprendi.

Vontade de aprender

Quando fui para o Arsenal do Alfeite é que me obrigaram a escrever o meu nome. Tinha já 40 e tal anos. Aprendi com um senhor que estava na secretaria, o senhor Dias. Era secretário. Passou-me um papel e eu copiava. Ele quis obrigar a gente a fazer aquilo. Não foi difícil, até fazia bem. Agora é que me tenho relaxado. Como só assino de vez em quando... Mas lá, todos os meses tinha que assinar para receber.

A escola era na Moura da Serra. Aqui não havia. Íamos a pé, de tamancas. Usávamos tamancas, não era sapatos como agora se usa, nem botas. Atravessava a rua, subia o alto e descia lá pelo outro lado. Demorava aí três quartos de hora. A escola começava às nove horas. Eu ia às oito. As aulas eram quase todo o dia. Mas não tínhamos aquecedores nem nada! Tínhamos que levar a buchazita e assim comíamos. Quando era três, quatro horas, vínhamos embora.

A professora era boa. Era mulata. Uma bela professora, boa a ensinar. Para castigar, porque, às vezes, eles não estavam calados, punha-os de joelhos, contra a parede. Era o castigo que ela dava. Não é como agora, que eles viram-se aos professores. Não batia, o que estava era assim de joelhos. Mas era boa pessoa.

Ainda havia muita criança, mais que agora. Nessa altura não havia televisão, agora há...

Casa "*Tínhamos que dormir três a três*"

A minha casa quando eu era criança está toda escangalhada ali ao cimo de tudo. Tinha dois quartos. Nós tínhamos que dormir três a três. Tínhamos que nos despir cá fora para conseguir entrar dentro da cama, porque estava encostada à parede. Depois, era uma para a cabeceira, outra para os pés. Tinha uma casita de jantar, tínhamos a cozinha e outra casinha assim ao lado, também com dois quartos. E tínhamos o forno.

Não havia água em casa. Íamos buscar os cântaros da água à fonte, lá em baixo. No ano da seca, há 50 e tal anos ou mais, tínhamos que ir buscá-la longe lá para cima, para um lado e para o outro. À noute, era o nosso trabalho. A minha mãe nunca teve o feitio de andar até de noute na fazenda. Quando o sol ia, a gente vínhamos para casa. A minha mãe fazia o comer e a gente ia carregar a água para ter ao outro dia, para a gente se lavar. Mas não tínhamos banheira, tínhamos um alguidar grande. Aquecíamos a água e púnhamos no regador. Depois, uma deitava a água e a outra lavava-se. Era assim. Isto agora é um mimo. Para lavar a roupa, íamos à ribeira. Havia umas poças na ribeira, punha-se lá umas pedras e ia-se lá lavar. O detergente era a roupa a corar com sabão. Ainda não havia lixívia. Traziam a roupa a corar dois, três dias. A minha mãe e outras pessoas faziam a barrela com cinza. Esfregavam o sabão aos bocadinhos para dentro dum alguidar com água quente. Arranjavam cinza de borralha da lareira. Peneiravam, punham e deixavam a roupa ali de molho dum dia para o outro. Ficava branquinha. Até cheirava. E quando tinha vinho nas toalhas, a minha mãe esfregava as caganitas das cabras naquele bocado, deixava ficar corada, ao outro dia lavava-se, estava o vinho tirado. Há segredos assim!

Não havia luz em casa. Era com aqueles candeeirinhos pequeninos, os "piretas", como a gente chamava. Funcionavam com petróleo. Era o que usavam, antigamente. Para aquecer a casa e para cozinhar, era a lenha na lareira, nas cozinhas e nas panelas de ferro. Naquelas panelas mais pequenas é que se fazia a comida e nos caldeiros coziavam a comida para os porcos e faziam as filhós e o arroz-doce. Penduravam-se num caldeirão e era ali que se fazia, que se fritava. Os caldeiros vendiam-se na feira. Agora, vendem para pôr de exposição e essas coisas. Quando começou a aparecer o alumínio, muita gente vendeu esses cobres, esses caldeiros.

Namoro "*Tínhamos nascido um para o outro*"



Etelvina e o marido (1968)

Nós somos segundos primos. Tínhamos que nos conhecer de cá da terra. Entretanto, o meu marido apaixonou-se comigo. Gostávamos um do outro, tínhamos nascido um para o outro. Atrás de mim ainda andou ele muito tempo. Nos bailes, queria dançar sempre comigo. Mas a mãe dele queria era que ele casasse com outra, que tinha mais terras para ele cultivar. Nós éramos pobres, tínhamos pouca fazenda. Antigamente, os casamentos cá eram assim. Feitos de riqueza. Havia aí um senhor que dizia que tinha que se estender a corda donde houvesse mato. Ele teve que pedir autorização ao meu pai. Antigamente, era assim. Perguntou se podia namorar comigo, que queria casar. O meu pai disse que era comigo. Namorámos para aí dois ou três meses e depois casáramos. Os namoros, antigamente, eram muito diferentes de agora. Era tu dali e eu daqui, mais nada. Fosse como hoje, estava bem estava. Elas, agora, vão com os três mas é nos olhos, no resto está quieto. Por isso, agora, é o casa, descasa, casa, descasa. Já vão fartos!

Casamento "*Casei com 24 anos*"

Casei com 24 anos no dia 2 de Maio em Pomares. Duas horas e tal a pé. Não podia ser cá, porque, nessa altura, não tínhamos 700 escudos para dar ao padre. Era o que ele levava de vir cá fazer um casamento. Aqui havia igreja. Casou uma rapariga no mesmo dia, mas o meu marido não tinha dinheiro para pagar. O casamento dela foi cá e eu fui a Pomares. E o padre lá não me deitou a bênção, ainda tive que vir aqui e ele veio atrás da gente.



Etelvina e António, acompanhados pelos padrinhos, Francisca de Andrade e António Joaquim, no dia do casamento (1960)

Leváramos a merenda, comêramos e depois viéramos. O meu marido ia de fato e de casaco. Eu ia com um vestido de lã azulinho, às pregas e com uns machozinhos, os sapatos também azul e um véu preto, normal. Chamavam eles uma mantilha. Foi em Maio, mas não estava assim muito quente. O vestido ficou novo. Eu quase que nunca o vesti. Depois, ainda fiz um casaco quando a minha filha era pequenina. Foi desmanchado o vestido e mandei fazer um casaco.



Isabel Moreira (com 11 anos), filha de Etelvina

Os convidados foram poucochinhos. Só a família. Foram duas irmãs minhas, duas sobrinhas e os padrinhos. Os padrinhos da parte do meu marido era um tio dele e uma tia. Foi só os convidados dele. Do resto, ficaram cá à espera para comer o jantar. Era feito em casa. Na festa, matava-se uma rês. Chamavam eles carne fresca, que ia ao forno. Era chanfana, batatas cozidas, arroz de fressura. Fazia-se arroz-doce, fazia-se os coscoréis, as filhós, tigelada e pão-de-ló. Era só assim, mais nada. Era assim os casamentos cá.

Migração "*Não havia cá donde ganhasse*"

Depois, ainda cá estive um tempo. O meu marido ainda cá esteve uns mesezitos, também, mas depois foi para Lisboa, pelo mês dos santos, Novembro. O meu cunhado arranjou-lhe para ele ir trabalhar numa garagem. Trabalhou sempre em garagem. Eu fiquei cá, mas já fiquei grávida do menino. Quando estava no fim do tempo, fui para lá, em Janeiro, a 20 de Janeiro. Lá, quando foi à nascença, deixaram-me morrer o menino no Hospital de Almada.

Havia gente da Mourísia lá. Havia e ainda há, mas estão espalhados. Um senhor esteve numa drogaria uma quantidade de anos. Foi para lá pequeno. Outros trabalhavam nas obras e outros foram de cá, não sabiam fazer nada, armaram-se em construtores. Governaram a vida. Iam, porque não havia cá donde ganhasse. Para ganharem alguma coisa, lá era melhor que aqui, que andar pelas serras a cavar. A gente matava o corpo e não se ganhava nada.

Eu trabalhava a dias. Ia trabalhar para casa de senhoras a lavar roupa ao tanque - nessa altura, ainda não usavam máquinas -, esfregar-lhes a casa de rabo para o ar com palha-de-aço, dar cera e limpar o pó.

Percurso profissional "*Andei sempre nas limpezas*"

"Ganhava 25 tostões à hora"

Andei sempre nas limpezas. Trabalhei 16 anos na casa duma senhora. Ganhava 25 tostões à hora. O que vale é que essa senhora dava-me de comer. Às vezes, trazia para casa o rabo e a cabeça do bacalhau que ela comprava. Não o comia, dava-mos para eu trazer para casa. E eu trazia. Qual era o problema?

"A senhora é desconfiada, faça você!"

Uma vez, fui trabalhar só dois dias para casa duma senhora, que o marido era da Marinha. Ao outro dia, já lá não apareci. Ela era daquelas que andava com a lata da cera e molhava-me o pano para eu dar no chão. Depois, punha dinheiro espalhado por baixo dos móveis e por baixo da cama para ver se eu levava. Mas eu era mais séria do que ela, nunca mais lá apareci. Nem recebi!

- "Então, você não foi?"

- Não, não. A senhora é desconfiada, faça você!

"Era como a mulher do padeiro"

Depois, fui fazer limpeza para a Escola Técnica, em Almada, na Emídio Navarro. Trabalhava lá uma irmã minha. Foi através dela. Era normal isso acontecer. Com certeza. Há sempre um amigo. E eu sabia trabalhar. Se não soubesse, não andava na limpeza. Às vezes, entravam lá muitas, estavam 15 dias e tinham que ir embora. Nessa altura, eu trabalhava de noute e de dia. Era como

a mulher do padeiro. Trabalhava na escola e ia a dias para casa de senhoras a ganhar a 25 tostões à hora. Era uma vida muito difícil. Havia aulas até às 11. Nós, aí por volta das dez horas, tínhamos de lá estar e às vezes era até às três, quatro horas da manhã. Havia dias que era de lavar corredores até às três da manhã. Quando eu chegava a casa já a miúda estava farta de dormir. Começava eu a querer dormir e ela a querer chorar. Às vezes, tinha noutes que nem dormia. Ao outro dia, ia trabalhar também para o Alfeite. Depois, tive que deixar a escola porque não conseguia fazer os dois horários.

"É para ver qual é que chega lá mais depressa!"

Depois fui para o Arsenal. Foi um rapaz que lá trabalhava, que era de cá, que me disse assim:

- "Ó pá, estão a meter pessoal no Alfeite. Porque é que tu não vais para lá?"

Digo assim:

- Ah, então, olha, inscreve-me lá.

Ia ganhar mais 700 escudos do que ganhava na escola.

Ele foi-me lá inscrever. O contínuo, que estava lá a fazer as inscrições, também era de cá. Estava lá já há muitos anos. A minha salvação foi ele agarrar no monte dos papéis que lá estava, agarrar no meu e em lugar de o pôr no fundo, pô-lo no cima. Fui logo chamada para lá.

Aquela parte não era militar, era de manutenção. Tinha as oficinas, onde faziam e arranjavam os barcos. Ali fazia-se de tudo: coisas de madeira, coisas de ferro, canalizações, era tudo. Depois, havia aquelas secções de pessoal e cada uma tinha a sua secção para limpar. Nós estávamos num serviço que eram quatro mulheres. Foram-se reformando, ficámos três e, no fim, acabámos por ficar só duas. Mandaram-me para lá uma, coitadinha, a gente tinha que fazer o nosso trabalho e fazer o trabalho dela. Dissemos ao encarregado:

- Olhe, meta-a lá para donde quiser. Vá lá para outro lado.

Ele ralhava com a gente. Dizia assim:

- "Mas vocês não conseguem fazer."

- Se a gente não conseguir, a gente depois logo lhe diz.

Era assim. Eu mais a outra senhora, que ela podia ser como minha mãe, começávamos uma numa ponta, outra noutra. Eles, às vezes, diziam assim:

- "Vocês andam zangadas?"

- Não! A gente não se zanga. É para ver qual é que chega lá mais depressa!

"Ao fim de 29 anos, voltei"

Estive lá 29 anos. Ao fim de 29 anos, voltei para cá outra vez. A casa também não tinha grandes condições e eu não me dava lá bem. Aquilo era uma humidade desgraçada e, depois, também tive um desastre. O médico do trabalho teve que me reformar, mandaram-me embora. Tenho hérnias na coluna. Está claro, a vida lá era diferente. Tinha de se pagar renda de casa, luz e água. Não era muito, mas pronto. O meu marido ainda ficou lá. Depois, veio para cá sem reforma durante três anos. Só com a minha reforma, a gente foi vivendo. Agora, já se reformou. Chegou à idade reformou-se. E é assim a nossa vida.

Comprámos a nossa casa, toda em pedra, toda velha. Só tinha dois quartos e nós acrescentámos a cozinha. Não tínhamos casa de banho, que não havia. Tinha uma palheira e era assim. Comprámos, mandámos arranjar. Mais tarde, já lhe déramos outro arranjo. Já foi arranjada por três vezes. Para o andar de cima, o meu genro também ajudou. Se não ajudasse, também não punha. E foi assim.

Quando vim para cá, ainda arranjei duas cabritas, mas, depois, tive que me desfazer delas, porque não podia andar atrás delas. A gente habituou-as à corda. Elas, depois, apanhavam-se, fiiiuu, já iam. Levavam-me a mim atrás da corda e tudo. Tive pena de acabar com elas. Agora tenho uns coelhitos, umas galinhitas é o que a gente tem para os gastos de casa.

História 25 de Abril e 11 de Março

Estava lá há pouco tempo quando se deu o 25 de Abril. No 25 de Abril, ainda passámos um bocadito. Quando o meu marido saiu de casa, aquilo já estava a dar no rádio. Quando chegou a Cacilhas, já não apanhou barco para o outro lado. Só soube quando saiu de casa. E eu só soube quando cheguei ao trabalho e não deixavam entrar a gente. Voltámos para casa. Depois, tínhamos que ir lá todos os dias ao portão. Estavam lá os guardas e tiravam apontamento do nome da gente. Não diziam porque não podia entrar, que quando pudéssemos entrar, que entrávamos. Estava tudo ali de prevenção. Foi quando roubaram armas de lá, o Tenreiro e essas coisas. Antes, nós íamos receber ao banco a Lisboa. Vinham lá fazer o pagamento. Quando foi do 25 de Abril, a carrinha foi perseguida por duas vezes. Como havia banco dentro no Arsenal, obrigaram a gente a abrir conta nesse banco. Tínhamos uma hora para lá ir receber, todos os meses. Depois, pagaram esses dias, tudo. Não nos ficaram a dever nada. Estivéramos 15 dias em casa. Foi tão bom. Às vezes, a gente ria-se assim:

- Oh, pá, não dar outro 25 de Abril!

E o 11 de Março? O 11 de Março então ainda foi... A minha filha pequena estava em casa. Eu morava ali perto do forte de Almada, onde havia tropa. Eles foram para estoirar aquilo tudo. A minha filha com medo em casa e eu lá no trabalho, que estávamos fechados e não deixavam sair a gente. Ela em casa, coitadinha, a telefonar. Eu tinha que telefonar para o meu vizinho, que era o senhorio, e dizia:

- Ó Isabel! Não saias de casa!

Era só o que lhe dizia:

- Não saias de casa para fora.

Eles ali a ouvirem nas alas por cima ali a mandarem. Oh, não! Foi um susto!

Lugar *Mourísia* significa liberdade



Isabel Moreira, filha de Etelvina (1984)

A Mourísia para mim significa liberdade. Em Lisboa, a minha filha não tem casa para mim e eu gosto muito de me esticar, ter um quarto só para mim.

Para a gente lá ir um dia ou dois, vamos, mas estar lá, não, porque os miúdos têm que dormir um com o outro. Um já tem 26 anos o outro tem 17. O mais velho já é engenheiro do ambiente. Claro, eles têm lá os seus quartos com os seus computadores e essas coisas todas para trabalharem. Além disso, eles moram num terceiro andar e eu custa-me muito a subir as escadas porque tenho artroses nos meus joelhos e custa-me muito a subir. E, aliás, eu não gosto de estar presa. Gosto de girar. Não posso estar parada. Gosto sempre de mexer em qualquer coisa. E aqui consigo fazer isso.

"Isto pertence tudo aos mouros"



Mourísia

Aqui, é a terra dos mouros. "Mourísia" é do tempo deles. Há a Mourísia, Foz da Mourísia, Moura da Serra e Foz da Moura. Isto pertence tudo aos mouros. Diziam que apareciam aí, faziam casas daquele lado. Agora, já veio o fogo duas vezes, já esbarrondou lá as casas todas. Diz que trabalhavam de noute ali por cima na serra por aí afora. Via-se de onde é que eles levavam a água naquelas levadas. Há um ali que a gente chama lá a Buraca dos Mouros. Ainda lá cheguei a ir dentro. A gente passava numa entrada que lá havia, que tinha uns bancos na peneda, uma roça na peneda. Mas a gente chegava lá, o gasómetro apagava-se e a gente já não via mais nada.

"A Comissão de Melhoramentos"



Sobrinha de Etelvina, Maria Odete, actual Presidente da Comissão de Melhoramentos da Mourisia

A Comissão de Melhoramentos servia para arranjar melhoramentos. Aquela casa do convívio foi toda feita praticamente de novo. Com algum dinheiro, as pessoas puderam. Outros emprestaram. Foi tudo feito assim, naquela altura. Agora, arranjam caminhos. Temos aí os caminhos todos arrançados. Foi tudo com o dinheiro que a Comissão arrançou com as coisas que vão leiloando, que ajudam, que as pessoas dão e com os almoços que fazem. Juntam e com os lucros fazem esses melhoramentos.



Estandarte da Comissão de Melhoramentos da Mourísia

"Lá tinha aquela lengalenga"

Havia muitos pobres aí. Às vezes, passavam a pedir. As pessoas davam uma fatia de pão, coitadinhos, ou outra coisa para eles levarem nos cestos. Havia aí um velhote, que vinha não sei de donde, que vendia esses Bordas-d'Água. Ele contava que havíamos de chegar a pontos - isto ouvi-o eu, ainda era miúda, a contar à porta para a minha mãe - que as estradas nas serras traziam guerras. Quando houvesse estradas nas serras, havia guerras. E que havia a gente de chegar a pontos que haviam de andar uns por baixo dos outros. Era os aviões. Ele lá tinha aquela lengalenga. E está certo, é verdade.

O castanheiro das nove janelas

O castanheiro é lá na ribeira. Tem nove janelas, buracos. Andou lá o lume dentro e ardeu o castanheiro por dentro. Ficou só a casca por fora. Havia aqueles respiros das pernasadas que foram secando e abriu aqueles buracos. Então, diz que tem nove buracos. Agora, o castanheiro até está histórico. Está em Utilidade Pública. O dono não o pode cortar. Pode apanhar as castanhas, mas não pode cortar o castanheiro.



Mourísia

Pessoas Monsenhor António Pereira de Almeida

O monsenhor António Pereira de Almeida era da Moura. Foi importante, porque criou a freguesia. Antigamente a Moura da Serra pertencia para Avô. Nós pertencíamos para Pomares e a Moura da Serra que era aqui tão pertinho pertencia para Avô. E ele andou, andou e conseguiu criar ali a freguesia. Foi um senhor muito importante.

Costumes

Dias de festa

Vínhamos cá uma vez por ano, quando era mais no Verão. Não se podia vir mais vez nenhuma. No mês de Agosto, era cá a festa. Antigamente, vinha aí o padre dizer a missa. Nesse dia, a missa era mais com práticas. Não era uma missa normal. Mais tarde, arranjavam um ranchozito, uma "tocadeira" para vir cá tocar naquele dia e a festa era assim. Às vezes, fazia-se procissão. Era um passeio. Iam os andores. Fizeram uns dois ou três anos procissão assim como há dois anos ainda fizeram uma procissão jeitosa. Puseram os andores todos na rua. É bonito, mas dá muito trabalho. Aqui, há oito santos: Senhora da Saúde, o

Santo António - que é naquela capela ali em cima -, Senhora da Graça e Senhora de Lourdes e, lá em baixo, o Sagrado Coração de Jesus, Senhora da Assunção, Senhora de Fátima e a Rainha Santa. A padroeira é a Senhora da Assunção. É em honra dela a festa, sempre num sábado. No domingo, é a festa da Comissão. É só leilões de coisas que oferecem, de ofertas, garrafas, disto e daquilo para ajuda do conjunto. Têm sempre um conjunto ao sábado e ao domingo. A Comissão de Festas é que paga.



Procissão de Nossa Senhora da Assunção

No Dia de Todos-os-Santos

No Dia de Todos-os-Santos, antigamente, fazia-se um magusto ali no largo. Ia-se buscar caruma, punha-se lá as castanhas no meio e, em estando assadas, comíamos. Toda a gente participava. Nesse dia, fazia-se a prova de água-pé. Cada um levava para lá para beberem. Depois, os homens apanhavam a piela, pronto. Eu, por mim, dispenso a minha parte.

Agora, as pessoas já não ligam. Só umas seis pessoas é que, às vezes, fazem na Casa do Povo. Do resto...



Uma actuação do Rancho da Cerdeira, durante a festa anual em Agosto

O Dia do Gato

Era o Dia do Gato, pelo São João. Arranjavam um pinheiro todo esfolado, só deixavam um galho lá na ponta. Enrolavam palha pelo pau acima até àquele galho. Arranjavam o gato mais bravo que aí houvesse, mais ladrão da terra. Antigamente, era só a gente abrir a porta, descuidar-se, havia aí um gato que até ia às panelas quando elas tinham a carne a ferver. Ia lá, tirava-as e comia, roubava. Eles andavam sempre à caça desses gatos. Então, arranjavam um cântaro, metiam o gato lá dentro, tapavam a boca do cântaro para ele não fugir e penduravam lá na ponta do pinheiro. Depois, lançavam o lume cá de baixo para a palha arder até lá acima ao cântaro. Chegava lá, partia o atilho donde ele estava atado, o gato caía cá em baixo... Palavra! Aquilo fugia... Outras vezes, morria. Era conforme.

O ciclo do milho

A desfolhar, a esfarrapar, a descamisar o milho, a tirar o folho, aquele a quem aparecesse o milho negro tinha que dar um abraço a todos. Agora, a desfolhar já não trazem para casa. Já o desfolham lá na fazenda. Depois de desfolhado, deita-se para a cesta, carrega-se, traz-se para os palheiros e anda ali uns dias. No fim é malhado o milho nuns palheiros. A gente assenta-se e com um pau assim pequeno malha-se o milho. Depois, ergue-se e anda-se a estender o milho. Antigamente, íamos ajudar as debulhas uns aos outros, à noite, à luz

do candeeiro. Depois, naquela altura, havia vinho doce. Levavam sempre para lá um jarro para as pessoas beberem.

Com este milho, ia-se para os moinhos lá na ribeira. Moíam a farinha para os porcos e para fazer a broa. Agora, a trovoadas levou os moinhos todos. Está tudo estragado. Depois, peneirava-se a farinha, amassava-se e fazia-se a broa nos fornos. Antigamente, era só com broa que se governavam. Não havia cá padeiro. As mulheres só comiam pão quando tinham os filhos ou quando estavam quase a morrer. Era só broa. Era amassada, depois era levedada, aqueciam o forno e deitavam lá ao forno para cozer.

"É feito nos acinchos"

Também se fazia queijo. Vai-se ordenhar os animais. Depois, o leite tem que estar mais ou menos morno para coalhar. Depois, é feito nos acinchos. É espremido e põem a secar. Era melhor que os que se compram. De longe. Os de compra têm algum gosto? Algum? Aquilo é mais batata que queijo.

"Ajuntava-se a família para matar o porco"

Nesse dia, ajuntava-se a família para ajudar a matar o porco e, depois, faziam uns torresmos. Daí por uns dias, salgavam os ossos. Antigamente, aquilo era tudo posto naquelas tinas. Dali, é que iam cortar para comerem um bocadinho. E, quem não tinha dinheiro, tinha que vender os presuntos no fim de eles estarem curados para depois comprar outro porco. Vendiam os lombos, a coisa melhor do porco, para terem dinheiro. Ficavam aqueles ossos para fazer os enchidos. Coziam-nos e na água é que iam fazer as farinheiras. Chamavam-lhes as farinheiras, porque era com farinha e os untos daquela carne mais gorda. Cortavam e depois punham no fumeiro para secar para comer.

"A mesma coisa que arroz de sarrabulho"

Arroz de fressura é a mesma coisa que arroz de sarrabulho. Aproveita-se o sangue da rês e coze-se. Depois, faz-se o arroz. Quando o arroz está quase cozido, a gente tira uma peta daquele sangue, esfarela e põe-se. Depois, migam um bocadinho do fígado, do pulmão, do coração, tudo migadinho e é tudo cozido juntamente com o arroz. Chamam arroz de fressura.

"Os carolos eram bem bons"

Os carolos eram bem bons. São cozidos. É o milho partido, mas não é feito em farinha. Fica mais grosso. Depois, aquilo é bem cozidinho e, quando estiver assim cozido, põem um bocadinho de farinha moída mais fininha. Há quem ponha açúcar e há quem ponha mel. Aquilo é bom. Antigamente, faziam muito isso para comer com aquela carne do porco gorda, branca. Fritavam a carne, depois comiam com os carolos. Era uma refeição.

"É o respeito"

Aqui, só se pedia a bênção aos padrinhos quando era pela Páscoa, para eles nos darem o foliar. Mas eu nem isso, porque os meus padrinhos eram o meu irmão e a minha irmã. Mas ainda hoje, o meu irmão é meu irmão e não o trato por tu. Não sei porquê, pronto. É uma queda. É o respeito, se calhar. Já não trato a minha madrinha porque ela já faleceu.

Avaliação "A gente gosta de contar"

Gostam de saber o que é que se passava cá na aldeia e a gente também gosta de contar, para um dia os nossos netos verem.